

O Museu Histórico como agente de Ação Educativa

Ana Ramos Rodrigues*

Resumo: Este artigo trata de questões relacionadas ao processo de educação, a partir das visitas escolares ao museu de tipologia histórica. Analisando sua função social e apresentando esta prática educacional como uma ferramenta pedagógica que dialoga, através da comunicação museológica, com a sociedade.

Palavras-chave: Museu; Educação; História

O museu, na concepção que conhecemos atualmente como sendo uma instituição de memória, aberta ao público, com o sentido de preservar e para fins de pesquisas, nem sempre teve este formato.

Mesmo mantendo a unidade do nome, conforme Suano, o museu com o tempo foi apresentado de várias formas. O vocábulo tem origem grega *mouseion* e remonta ao templo das musas, filhas de Zeus com Mnemosine, a memória. Mesmo que ainda hoje a noção de museu esteja associada à arte, ciência e memória, como na antiguidade, ao longo da história foi adquirindo novos significados. (SUANO,1986: 11).

Durante a Idade Média o termo museu foi pouco utilizado e acabou reaparecendo por volta do século XV quando o colecionismo tornou-se moda em toda a Europa. “De maneira geral, são essas grandes coleções principescas e reais do Renascimento que vão dar origem à instituição “museu” que conhecemos hoje.” (SUANO,1986: 21).

Entretanto, é preciso reconhecer que estas coleções não estavam abertas ao público e destinavam-se apenas ao acesso às famílias e aos amigos do colecionador. Somente no final do século XVIII foi aberto, de fato, o acesso do público às coleções, marcando o surgimento dos grandes museus nacionais (SUANO,1986: 27).

O museu, sendo denominado como uma instituição de memória, apresenta algumas ações museológicas como coletar, registrar, catalogar, classificar, registrar e salvar objetos que representam testemunhos históricos que contextualizam uma época, fatos, vidas e cotidianos, refletindo, dessa forma, a sociedade do período.

* Auxiliar de Museu - Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul - MUHM, Graduada em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. E-mail: anarrodrigues@gmail.com

Dentro desse processo, o momento da visita em um museu histórico, onde através da museografia e a cultura material apresentada, a instituição comunica ao seu público que história está sendo narrada. Pois segundo Menezes, “A História tem o objetivo de reconstruir e explicar a organização, funcionamento e transformação das sociedades”. (MENEZES, 1992: 7).

O museu não tem nada de inocente, e o visitante deve ser despertado para esta consciência, que sempre existe na exposição um diálogo direcionado a um determinado grupo. Segundo Chartier:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. [...] As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. (CHARTIER, 1990:17).

Esta visão só poderá ocorrer nas visitas aos museus quando os educadores trabalharem com seus alunos antes em sala de aula, pois, estas percepções são construídas e não naturais. Como afirma Bourdieu: “A ‘necessidade cultural’, é, em seu entender, produto da educação, da ação da escola” (BOURDIEU, 2003: 9).

O visitante preparado terá a possibilidade de realizar uma leitura crítica e questionadora sobre a instituição visitada, pois o museu não apresenta apenas os objetos, mas o trabalho das inter-relações dos homens com seu meio e com o fato cultural, num espaço tempo histórico determinado, sendo assim um agente de ação cultural e educativa.

O conceito de museu utilizado no presente artigo é o apresentado pelo *Conselho Internacional de Museus (ICOM)*, é o que mais se identifica na perspectiva desta reflexão. Portanto, segundo o ICOM museu

É uma instituição sem fins lucrativos, permanente, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, e aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa,

Acadêmico

divulga e expõe, para fins de estudo, educação e divertimento, testemunhos materiais do povo e seu meio ambiente. (ICOM, 1989).

No texto “*Museu: Coisa Velha, Coisa Antiga*”, Mário Chagas, apresenta o museu como sendo resultado do senso comum, um lugar onde existem coisas velhas, objetos velhos, que o público visita. Esta é a construção da imagem de idéias a partir do vocábulo museu, segundo a pesquisa (CHAGAS, 1987).

Este texto pretende apresentar o museu como uma ferramenta que deve ser vista pelo historiador como uma significação mais profunda, como vetor de relações sociais implícitos, que permitem ler aspectos econômicos, sociais, culturais da sociedade. Para corroborar com esta visão será utilizado o conceito de museologia de Waldisa Rússio Guarnieri, que compreende a museologia como:

Ciência do fato museal ou museológico. O fato museológico é a relação profunda entre o homem, sujeito que conhece, e o objeto, parte de uma realidade da qual o homem também participa, e sobre a qual tem o poder de agir. O fato museológico realiza-se no cenário institucionalizado do museu (GUARNIERI, 1990: 42).

Nesta perspectiva as peças do museu não são simples artefatos, eles são fontes de informação, assim se convertem em um documento em que um historiador poderá pesquisar. Devemos começar a refletir sobre nossos próprios objetos, se não pensarmos no nosso presente vivido, não há como construirmos um conhecimento sobre o passado.

Segundo Chagas o que faz de uma coisa ou de um objeto um bem cultural ou um documento, é o olhar interrogativo que lançamos sobre ele, pois de acordo com o autor:

[...] no momento em que perguntamos o nome do objeto, de que matéria-prima é constituído, quando e onde foi feito, qual o seu autor, de que tema trata, qual a sua função, em que contexto social, político, econômico e cultural foi produzido e utilizado, que relação manteve com determinados atores e conjunturas etc. (CHAGAS, 1996: 43).

Para conhecermos o nosso passado de modo crítico, precisamos viver o tempo presente como mudança, como algo que não era, que está sendo e que pode ser diferente. Isto tudo nos mostra as relações historicamente fundamentadas entre objetos atuais e de outros tempos.

A construção histórica e teórica é seletiva, voluntária, limitada e condicionada no tempo e no espaço. Portanto, os objetos estão carregados de historicidade, e isto deve ser colocado ao estudante que irá participar da visita guiada, fazendo com que ele tenha

consciência, que esta atividade educativa tem um propósito na construção de um saber histórico.

Devemos retirar os objetos de sua nostalgia e recolocá-los na história, para que possamos conhecer o nosso mundo e o mundo de outros tempos e outros espaços, pois há vida nos objetos e o conhecimento histórico ganha novas densidades quando cultivamos a nossa afetividade com os objetos.

A construção desta percepção poderia ser desenvolvida pelo professor de História em sala de aula, pois conforme Ramos, “[...] é preciso exercitar o ato de ler objetos, de observar a história que há na materialidade das coisas. Além de interpretar a história através dos livros, é plausível estudá-la por meio de objetos” (RAMOS, 2004: 21-22).

Esclarecendo que Menezes concebe um museu histórico, não como a instituição voltada para os objetos históricos, mas para os problemas históricos. O referido autor assinala que

[...] em última instância, seriam históricos os objetos, de qualquer natureza ou categoria, capazes de permitir a formulação e o encaminhamento de problemas históricos (e por problemas históricos se deveriam entender aquelas propostas de articulação de fenômenos que permitem conhecer a estruturação, funcionamento e, sobretudo, a mudança de uma sociedade) (MENEZES, 1992: 4-5).

O processo de aprendizagem deve ser guiado pelo docente de forma que a leitura sobre os objetos expostos proponha um processo de aprendizagem crítica e reflexiva, estimulando uma leitura em outra dimensão.

Mas muitos museus históricos ainda trabalham de uma forma tradicional. Segundo Menezes “Nossos museus estão grandemente despreparados para dar conta da problemática da cultura material” (MENEZES, 2000: 99).

O poder que a memória exerce sobre um museu histórico na sociedade contemporânea deve ser questionado, mas esta reflexão não pertence somente ao campo da História e da Educação. Em outro artigo Menezes fala da importância da interdisciplinaridade na construção da memória, dizendo que

As ciências sociais contam hoje com vasto arsenal de estudos (em que se distinguem os de Psicologia Social, Sociologia e Antropologia), que demonstram cabalmente a natureza ideológica, processual e situacional dos processos identitários e dos mecanismos da memória. [...] Assim, convém ter presente que memória não pode ser objeto de “resgate”, pois ela não deve ser confundida com os suportes pelos quais indivíduos, grupos e sociedades constroem e

Acadêmico

continuamente reconstroem (sempre em função das necessidades impostas pelas situações) uma auto-imagem de estabilidade e permanência (MENEZES, 2000: 93).

A sociedade está inserida em mudanças e trabalha com instrumentos de representações tentando reforçar uma identidade e construir uma memória homogênea, e nesse processo, o museu histórico está inserido e opera de forma ideológica.

Para o museu exercer realmente sua função social, deve ser trabalhado de forma que não seja apenas espaço de contemplação. Os objetos devem ser apresentados de forma a serem interpretados, e para este fim, é necessário que ações pedagógicas se desenvolvam dentro da área das instituições museológicas e em sala de aula. A necessidade de um museu histórico participar do processo de aprendizagem já foi vista como fundamental por Menezes. Para ele o museu

Além de evocar e celebrar o passado, um museu deve organizar-se de maneira a mostrar a sociedade como organismo vivo, sujeito a mudanças. Assim, o museu histórico contribui para o enriquecimento da consciência histórica, isto é, a percepção da vida social como produto da ação humana que gera e transforma (MENEZES, 1992: 7).

A educação museal deverá ser processada de forma que resulte na construção de um saber – seja na área de patrimônio, seja na própria exposição visitada – e aplicado de uma forma que não seja um ‘saber acabado’, mas que ocorra como um dispositivo de reflexão, através linguagem museológica, que o museu apresenta. Cury aborda que a discussão entre a instituição com a sociedade, definiria o alcance social do museu.

A política de comunicação é a discussão de como a instituição quer dialogar com a sociedade, como conceitua o seu público e como propõe formas de interação. Define o alcance comunicacional do museu e engloba exposição e educação (CURY, 2008:10).

Portanto, pensar um museu histórico como um agente de ação educativa implica em decodificar fatores como a questão da memória, da educação, da ação museológica, dentro de todo processo que está implícito o papel social do museu na sociedade contemporânea. Menezes em sua reflexão aborda, como a memória pode ser trabalhada na sociedade.

[...] mais que mecanismo de registro e retenção, depósito de informações, conhecimento e experiências, a memória é um mecanismo de esquecimentos programado. E se a memória se constrói filtrando e selecionando, ela pode também ser induzida, provocada. [...] a noção de que a memória aparece como

Acadêmico

enraizada no passado, que lhe fornece a seiva vital e ao qual ela serve (restando-lhe, quanto ao presente, transmitir os bens que já tiver acumulado) é também falsa: a elaboração da memória se dá no presente e para responder a solicitações do presente (MENEZES, 2000: 93).

Não se trata de uma simples ação de apresentação de objetos em uma exposição, mas sim, desenvolver o material trabalhado como fonte de informação. A cultura material não é apenas um objeto dentro de um cenário, e sim um artefato dentro da interação social, produzindo conhecimento. Castro e Guarnieri compartilham opiniões semelhantes a respeito da função social do museu.

Dentre as chamadas instituições de memória, o museu tem um papel ímpar na sociedade moderna como mediador entre o público e o acervo, e enquanto comunicador e produtor de discurso. A forma pela qual o público recebe o conteúdo e a mensagem de uma exposição museológica assegura e garante a legitimidade da função social do museu (CASTRO, 2007: 105).

A exposição não exaure todas as atividades do museu – é preciso deixar claro – mas a exposição é, na realidade, um texto claro, algo que pode ser feito como uma releitura do mundo, é trazer para o museu uma representação do mundo, das relações do homem com a sua realidade, e torná-las tão evidentes (...) que possam despertar uma consciência crítica, inclusive onde ela não existe, ou desenvolvê-la onde ela já está embrionária (GUARNIERI, 1984: 62).

Para conseguir absorver esta nova leitura do mundo através da visita ao museu, é necessário que seja apresentado noções de patrimônio ao estudante, procurando ampliar a própria noção de patrimônio, e cuidando para que não ocorra uma legitimação equivocada e levantando questões sobre a complexidade da nossa inserção nos processos históricos na sociedade. Soares apresenta a questão de pensar e atuar como sujeito da história, na produção cultural, para isto é preciso identificação.

Quando falamos sobre Patrimônio Cultural, logo pensamos em monumentos, casas antigas, etc. Esta é a visão do senso comum, porém a idéia de Patrimônio é bem mais ampla, e inclui vários outros aspectos. Todas as modificações feitas por uma sociedade na paisagem para melhorar suas condições de vida, bem como todas as formas de manifestação socialmente compartilhadas, fazem parte do patrimônio, pois todo objeto ou ação que se refere à identidade de uma sociedade constitui seu patrimônio (SOARES, 2003: 46).

Acadêmico

Podemos questionar se realmente uma visita escolar ao museu histórico pode proporcionar todo este processo de conhecimento, como se pretendeu desenvolver neste artigo. Uma visita pode representar pouco, mas este pouco poderá ser o estímulo para que ocorram outras visitas posteriores, e estimulem a construção de novos conceitos.

Pensando na transformação, almejando que o visitante se torne um sujeito ativo dentro do desenvolvimento e da emancipação cultural, que será produzido dentro de diferentes ambientes e experiências vividas. De acordo com Ramos, é preciso que o museu invista nas ações educativas, para não reproduzir a forma tradicional de conhecimento.

Se o museu não enfrenta o estudo da cultura material com as exigências constitutivas de tal empreitada, não adianta falar em programas educativos. Sem reflexão sobre os objetos, esmigalha-se o potencial inovador e criativo do museu histórico. Em seu lugar, fica apenas a repetição de modelos oriundos da “biblioteca-convento” e da “disneylândia cultural”. O museu que não tem compromisso educativo transforma-se em depósito de objetos, ou vitrines de um shopping center cultural (RAMOS, 2004: 134).

Os espaços de memória não devem se tornar apêndice da escola, pois a instituição museológica, se processa de maneira particular, em relação ao conhecimento que é desenvolvido na escola. De acordo com Lopes: “Não se trata de promover ou reafirmar uma “escolarização” do museu, e sim de estudar a multiplicidade de papéis educativos que pode ser assumida pelo espaço museológico” (LOPES,1991).

Por toda reflexão apresentada neste texto, sintetizo que o museu histórico é uma boa ferramenta, como espaço pedagógico para promover a conscientização e incentivar a oportunidade de educar durante a visitação escolar, processando um diálogo entre público, educadores, museu e sociedade.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público.** Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Zouk, 2003, 240p.

CASTRO, Ana Lúcia Siaines de. **Memórias clandestinas e sua museificação** – Rio de Janeiro: Revan, 2007, 212p.

CHAGAS, Mario. **Museu: coisa velha, coisa antiga.** Rio de Janeiro, UNIRIO, 1987, 20p.

_____. **Museália.** Rio de Janeiro:JC Editora,1996. 121p.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990, 248 p.

CURY, Marília Xavier. **Exposição, comunicação museológica e pesquisa: um desafio para todos**. Museologia Hoje. Nº 2, 2º / 2008. Disponível em <http://www.museologiahoje.com.br/>. Acesso em: 04 maio 2009.

GUARNIERI, Waldisa Rússio. Museologia e Identidade. **Cadernos Museológicos**, n.1&2, 1990
_____. Texto III. In. ARANTES, Antonio Augusto (Org.) **Produzindo o passado; estratégias de construção do patrimônio cultural**. São Paulo Brasiliense/CONDEPHAAT, 1984.

LOPES, Margaret Maria. **A favor da desescolarização dos museus**. Revista Educação Sociedade. Campinas, v.3, n. 40, dezembro, 1991.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Museus Históricos: da celebração à consciência Histórica. **Como explorar um museu histórico**. São Paulo: Museu Paulista: USP, 1992.

_____. **Educação e museus: sedução, riscos e ilusões**. Ciências & Letras. Educação e Patrimônio. Histórico-Cultural. N.27. p.91-101, Edição Jan/Jun. 2000.

RAMOS, Francisco R.L. **A danação do objeto, “O museu no ensino de História”** Editora Argos, Chapecó, 2004, 178p.

SOARES, André Luis Ramos (Org.). **Educação patrimonial: relatos e experiências**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2003.

SUANO, Marlene. **O que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986, 101p.

Recebido em *Maio* de 2009

Aprovado em *Fevereiro* de 2010